

# MARCADORES DISCURSIVOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS LIMITES ENTRE A GRAMATICALIZAÇÃO E A DISCURSIVIZAÇÃO

Carla Regina Martins VALLE

## **Introdução**

Durante as duas últimas décadas, as discussões a respeito dos processos e mecanismos que envolvem mudanças lingüísticas têm sido intensas. Vários estudos, como os de Heine *et al.*(1991), Traugott e Heine (1991), Hopper e Traugott (1993), Vincent *et al.* (1993) entre outros, têm tratado destes processos e das unidades que passam por eles, procurando estabelecer as características dos tipos de mudança e os mecanismos que atuam para que ela ocorra.

Assumimos, a priori, que gramaticalização e discursivização são dois processos distintos de mudança lingüística que ocorrem em níveis diferentes e determinam a natureza funcional das unidades que passam por um ou por outro.

Acredita-se que o termo gramaticalização tenha sido cunhado por Antoine Meillet, que o define como *a atribuição de um caráter gramatical a um item que era autônomo*<sup>1</sup> (1912, *apud* Hopper e Traugott, 1993:17). Neste sentido, segundo Heine *et al.* (1991:2), este processo ocorre nos casos em que uma unidade ou estrutura lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical do que a anterior.<sup>2</sup>

Crendo que a gramaticalização, apesar de estar envolvida no processo de mudança de muitos itens, não poderia abarcar muitos outros, Vincent *et al.*(1993:73) propõem um outro processo, a pós-gramaticalização, que ocorreria quando uma unidade lexical ou gramatical assumisse uma função não-gramatical, deixando de

obedecer a restrições sintáticas e passando a cumprir restrições pragmáticas e interativas.<sup>3</sup> Neste artigo, ao invés de utilizarmos o termo *pós-gramaticalização*, denominamos este processo de discursivização, seguindo a sugestão de Martelotta *et al.* (1996:59-60), dado que a partícula *pós* poderia dar a entender que, para entrar neste processo, o item deve ter passado anteriormente pelo processo de gramaticalização, o que nem sempre é verdade.

Para tornar mais operacional a identificação das formas que passam pelo processo de gramaticalização, Heine e Reh (*apud* Vincent *et al.*, 1993:79) enumeram algumas características assumidas pelas unidades que avançam neste processo. Sendo assim, quanto mais uma unidade se gramaticaliza, mais ela: a) perde complexidade semântica, significado funcional, valor expressivo, significação pragmática e substância fonética; b) ganha significação sintática; c) reduz o número dos membros de seu paradigma e sua variabilidade sintática; d) tende a tornar seu uso obrigatório em certos contextos e agramatical em outros e a se fundir com outras unidades.

De maneira bastante diferente e muitas vezes até inversa, segundo Vincent *et al.* (1993:80), quanto mais uma unidade avança no processo de discursivização, mais ela: a) perde complexidade semântica e significação sintática; b) ganha significação pragmática; c) se distingue das outras unidades que continuam a ser gramaticais pela sua entonação e posição na frase; d) tende a desenvolver um uso opcional e diversifica suas posições na frase.

Em alguns casos não é tranquilo delimitar se um determinado item passa por um ou por outro processo. Recentemente, o papel de elementos que, a princípio, se afirmava terem passado pelo processo de discursivização está sendo revisto, como é o caso dos marcadores discursivos. Isto nos faz reavaliar também a pertinência da postulação de dois processos distintos, pois se mudanças rumo ao nível discursivo também pudessem ser explicadas pelo processo de gramaticalização, não haveria necessidade de se considerar o

processo de discursivização. Propomos, aqui, discutir a necessidade da distinção entre gramaticalização e discursivização e, ao mesmo tempo, a dificuldade em traçar as fronteiras para estes dois processos.

### **1. Existiria um processo de discursivização?**

Traugott (1995) procura verificar que lugar o desenvolvimento de marcadores discursivos ocupa em uma teoria da gramaticalização. A autora selecionou três destes elementos, *indeed*, *in fact* e *besides*,<sup>4</sup> a fim de defender a posição de que também este tipo de item (dito discursivo) poderia ser tratado dentro do processo de gramaticalização.

A autora questiona a existência de um processo de discursivização e ao tratar os MDs de maneira generalizada, acaba incluindo no escopo da gramaticalização itens que não são condizentes nem com a definição deste processo e muito menos com suas características.

Traugott (1995:2) afirma que muitos destes itens discursivos têm sido tratados fora do processo de gramaticalização por não serem considerados componentes da gramática e por ferirem a hipótese da unidirecionalidade, a qual determina que uma vez gramatical a unidade não pode voltar a ser lexical. Contudo, baseada em sua pesquisa a respeito dos três elementos lingüísticos acima citados, a autora tem fortes razões para acreditar que os itens por ela estudados devem ser tratados dentro do escopo da gramaticalização, justamente para não ferir a hipótese da unidirecionalidade.

Outra justificativa que tem sido levantada para excluir muitos marcadores do processo de gramaticalização diz respeito ao significado pragmático que estes elementos adquirem, já que este acréscimo de valor pragmático contraria as características deste processo. Como vimos acima, Heine e Reh descrevem o processo de gramaticalização como aquele no qual as unidades lingüísticas perdem em complexidade semântica, significado pragmático,

liberdade sintática e substância fonética.

Contra este argumento, Traugott (1995:6-7) sugere que, ao menos nos primeiros estágios da gramaticalização, ocorre, ao invés de um perda, um fortalecimento do significado pragmático. A autora reconhece que elementos como *I think* e *Y'know* possuem mais características pragmáticas do que *aspecto* e *modalidade verbal*, comumente considerados como itens gramaticais, mas mesmos estes manifestam funções pragmáticas. A partir destas considerações, Traugott sugere a seguinte definição para o processo de gramaticalização: *Gramaticalização é o processo pelo qual um item lexical, impulsionado por um certo contexto pragmático e morfossintático, torna-se gramatical.* (Traugott, 1995:1)<sup>5</sup>

A partir desta nova definição, a autora procura defender a idéia de que os marcadores discursivos, de maneira geral, podem ser incorporados dentro do processo de gramaticalização.

Dados os posicionamentos expostos acima, percebemos que a autora, como ela mesma afirma, adota uma visão de gramática que, além de englobar fonologia, morfossintaxe e semântica, engloba também certos aspectos comunicativos da linguagem, ou seja, as inferências pragmáticas, como topicalização e dêixis. Contudo, nem todos os aspectos da pragmática, como a interação entre falante-ouvinte, podem operar nesta gramática, apesar de contribuírem para ela. E não se encontrariam alguns marcadores justamente assumindo funções interativas, funções que estão fora desta gramática? E se estão, estes elementos não estariam excluídos do processo de gramaticalização?

## 2. O processo de discursivização sobrevive

Não discordo de Traugott, pois creio que os itens analisados por ela, *indeed*, *in fact* e *besides*, podem ser abordados na perspectiva da gramaticalização, já que assumem funções de conexão e organização textual, que são mais gramaticais. Porém não podemos estender tal

processo de modo a recobrir todos os chamados marcadores discursivos. Na verdade, o problema maior não está na delimitação dos dois processos de mudança, mas na natureza extremamente ampla da definição de marcadores discursivos, o que faz com que elementos de natureza bastante diversa, como conectores e pontuantes, possam conviver juntos.

Preocupados com a quantidade e a diversidade dos elementos incluídos no grupo dos MDs – sabiamente chamado de *saco de gatos* por Tavares (1999:32) – Risso *et al.* (1996:22) adotam as palavras de Pottier (1962) para afirmar que a lista de elementos classificados como MDs é muito extensa, sendo incluídos nela todos os elementos discursivos *com os quais não se sabe o que fazer*.

Traugott adota a concepção de marcadores dada por Schiffrin (1987:63), que afirma que marcadores discursivos são elementos que atuam no nível da coerência discursiva. Schiffrin (1987:65), inclusive, se pergunta se marcadores como *and*, *now*, de um lado, e *Y'know*, de outro, podem ser colocados juntos sob o rótulo de marcadores ou se devem ser vistos em contraste, concluindo que, em prol da macro-função da coerência discursiva, as diferenças, consideradas pequenas, podem ser temporariamente esquecidas.

Contudo, o que entendemos por coerência discursiva é muito amplo, temos pelo menos dois campos bem distintos sob este termo: o campo das relações textuais e o campo das relações entre o discurso e os indivíduos. Assim, cremos ser necessário ao menos separar os marcadores que atuam no nível textual, exercendo funções de conexão, seqüenciação, retomada, resumo, etc, daqueles que atuam no nível extra-textual, exercendo funções no processamento cognitivo, na interação entre interlocutores, na verificação do canal comunicativo, etc.

Esta divisão é feita por Martelotta *et. al* (1996:195) quando distinguem entre os operadores argumentativos, que estariam no nível textual, e os marcadores discursivos, que estariam fora do nível textual. Esta distinção é recuperada por Tavares (1999:32) para tratar

os elementos conectivos com os quais trabalha e que desempenham funções gramaticais, ligando partes do discurso, diferentemente dos marcadores.

Se dividirmos o grupo dos marcadores nestes termos, perceberemos que aqueles que desenvolvem funções textuais podem sim ser tratados sob a ótica da gramaticalização, porém aqueles que exercem funções extra-textuais deveriam ser vistos dentro da discursivização, pois não estão mais dentro da gramática, nem mesmo na visão mais alargada defendida por Traugott. Vejamos o exemplo:

(1) Foi num sábado, devia de ser quinze pra meio-dia, mais ou menos, que eles liberavam aqueles toquinhos de tábuas, *não tem?* O restante, que sobrava, pro pessoal queimar, né? (SCFLP19:161) <sup>6</sup>

Este tipo de marcador, *não tem?*, de uso peculiar em Florianópolis, é utilizado pelo falante para verificar se o ouvinte está compreendendo o que está sendo dito ou somente para testar a atenção de seu ouvinte, funções com foco interacional, enquanto os MDs analisados por Traugott possuem foco textual, especialmente *besides*. O que reforça a idéia de que estes itens estão além do nível textual é a possibilidade de serem apagados, sem prejuízo da coerência textual. Assim, se uma unidade deixa de exercer uma função sintática e passa a exercer uma função totalmente pragmática, necessariamente o processo envolvido deve ser de discursivização, que sobrevive soberano.

### **3. A mudança num *continuum***

Assumimos a necessidade de se considerar a discursivização como um processo distinto, porém existem casos nos quais, tomando-se somente algumas fases da mudança, é difícil perceber para onde ela se encaminha. Vejamos o exemplo (2):

- (2) Inf.: AIDS... Eu acho que com o tempo ainda eles vão descobrindo.  
*Não tem* esse cantor que morreu uns dias atrás? Pelo tempo que ele ficou naquela ali, credo! Já era pra ter morrido, nascido de novo.  
Interl.: O Cazuza? (SCFLP15:L834)

Percebemos que neste exemplo a função existente é de natureza pragmática, pois o falante pressupõe que o ouvinte tenha conhecimento do referente e, ao invés de apresentá-lo, simplesmente o ativa, como se estivesse abrindo um dos arquivos da memória do ouvinte – função ativadora de referente. Neste caso, *não tem* aparece no início da sentença e não pode ser omitido, diferentemente do que ocorre no exemplo (1). Sendo assim, que tipo de caminho está seguindo este elemento?

Tomando como base as características da gramaticalização e da discursivização, apresentadas na primeira seção deste artigo, por Heine e Reh e Vincent *et al.*, respectivamente, podemos verificar que tipo de processo de mudança pode estar envolvido nesta ocorrência. Assim, se por um lado, ao assumir sua função de ativador de referência, *não tem* ganha, e muito, em significação pragmática, principal característica do processo de discursivização, por outro lado, continua em uma posição fixa na frase e ainda possui seu estatuto sintático de verbo pleno, características que identificam o processo de gramaticalização.

Desta maneira, mesmo que, por sua função pragmática, sejamos tentados a afirmar que o processo envolvido nesta fase da mudança seja de discursivização, não podemos esquecer que existem outras características que apontam para outra direção. Seria este um caso híbrido de mudança, no qual estariam atuando os dois processos? Pouco provável, pois não podemos ter duas forças com direções tão distintas atuando juntas.

Acreditamos que, no exemplo (2), o processo envolvido continua sendo de discursivização, a diferença é que estamos em um estágio intermediário da mudança, ou seja, o item está entrando no nível pragmático, mas ainda não se desligou do sintático. Este estágio seria

o início do processo. Em um segundo momento, a unidade *não tem* se desloca para o final da sentença com a mesma função ativadora de referência, como observamos no exemplo 3:

(3) Continuando ali, por exemplo, onde hoje é a praça Fernando Machado, *não tem*? (SCFLP24:L172)

(3) a. Continuando ali, por exemplo, *não tem* onde hoje é a praça Fernando Machado?

No exemplo (3), além da função de ativador de referência, *não tem* passa a assumir, ao mesmo tempo, a função representada no exemplo (1), ou seja, de interação com o falante. A partir deste deslocamento, sua posição passa a ser cada vez mais livre, podendo ocorrer até entre sintagmas, e seu uso se torna opcional, todas as fortes características do processo de discursivização.

### **Considerações finais**

Observamos que os elementos do grupo dos chamados marcadores discursivos, por serem de naturezas tão distintas, não podem ser considerados, em sua totalidade, como resultantes de um único processo de mudança. A gramaticalização não parece dar conta das mudanças que rumam ao nível pragmático-interativo e necessitamos, portanto, que os elementos sob o rótulo de marcadores sejam distribuídos em, pelo menos, dois grandes sub grupos: um com funções textuais e outro com funções extra-textuais.

O grupo dos marcadores textuais seria resultante do processo de gramaticalização, mas, por outro lado, para abarcar os elementos que exercem funções extra-textuais, seria necessário contarmos com o processo de discursivização.

Outro aspecto a ser observado é que a mudança deve ser encarada como um *continuum*. Assim, o fato de um determinado uso de *não tem* sofrer restrições tanto pragmáticas quanto sintáticas, significa apenas que esta unidade ainda está no caminho da discursivização, não tendo substituído totalmente sua função

sintática por uma outra pragmática.

### Referências bibliográficas

- GIBBON, A. de O. *A variação do tempo futuro na fala do sul do país: o presente do indicativo vs. a forma perifrástica*. Dissertação de Mestrado: UFSC, 2000.
- HEINE, B. *et al. Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MARTELOTTA, M. E. T. *et al. (orgs.) Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- RISSO, M. S. *et al. Marcadores discursivos traços definidores*. In: KOCH, I. G. V. (org.) *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Ed. Da UNICAMP/FAPESP, 1996.
- SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- TAVARES, M. A. *Um estudo variacionista de aí, daí então e e como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Dissertação de mestrado: UFSC, 1999.
- TRAUGOTT, E. C. & HEINE, B. (orgs.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins Publishing Company, 1991.
- TRAUGOTT, E. C. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Department of Linguistics, Stanford University - Manchester, 1995.
- VINCENT, D. *et al. Grammaticalisation et post-grammaticalisation*. *Langues et Linguistique*, Quebec: Université Laval, n° 19, 1993.

### Notas

<sup>1</sup> Tradução minha

<sup>2</sup> Um exemplo deste tipo de processo seria o percurso do verbo IR tratado por Gibbon (2000), que, de verbo pleno com sentido físico de trajetória, passa a auxiliar de futuro.

<sup>3</sup> Como exemplo deste processo, podemos citar o marcador discursivo né?,

observado em Martelotta *et al.* (1996), que resulta da contração da partícula de negação e do verbo *ser* na terceira pessoa do singular. Este item exerce desde funções pragmático-interativas, responsáveis pela manutenção do canal comunicativo, até funções pontuantes-discursivas, que regulam o ritmo discursivo.

<sup>4</sup> Estes três itens seguem a mesma direção, segundo a análise da autora. Todos eles saem de um estágio totalmente lexical, no qual são substantivos, passam por um estágio de sintagma adverbial, posteriormente, por um estágio de adverbial, com restrições mais rígidas que o anterior, até chegarem a um estágio de marcador discursivo, que envolve funções de reelaborador, esclarecedor da intenção discursiva, etc.

<sup>5</sup> Tradução minha.

<sup>6</sup> Dados coletados do Banco de Dados do *Projeto Interinstitucional Variação Lingüística Urbana na Região Sul do País* (VARSUL), referentes à Florianópolis.